

Emílio Ribas dará apoio psicológico

LINA DE ALBUQUERQUE

A partir do próximo mês, as mães de crianças portadoras do vírus da Aids poderão frequentar sessões de terapia em grupo, coordenadas pela psicóloga clínica Célia Klouri, da equipe de saúde mental da terceira unidade de internação do Hospital Emílio Ribas. Além do acompanhamento individual já existente, elas ganharão a oportunidade de compartilhar as suas experiências.

A maior preocupação dessas mães, segundo a psicóloga, está representada pela possibilidade de seus filhos serem vítimas de rejeição, a exemplo do ocorrido na semana passada em Campinas, onde uma criança contaminada foi recusada pela creche. "Esse episódio só vem a incentivar as mães a esconder a doença", atesta Célia Klouri.

Na opinião da médica Marinella Della Negra de Paula, encarregada da mesma unidade do Emílio Ribas, a própria sociedade estimula a mentira ou a omissão. "Acho importante esclarecer mais os diretores de

creches e escolas, porque eles são os grandes multiplicadores de informação", afirma. De acordo com ela, a probabilidade de contrair hepatite pelo sangue é até maior que a Aids. "O risco da criança portadora vir a ser cortada e contaminar os colegas não justifica a discriminação", ela entende. "Se os cuidados normais que devemos ter com qualquer criança forem tomados, não existe problema".

Desde 1985, o Emílio Ribas já atendeu cerca de 160 crianças com Aids. Hoje a terceira unidade controla 75 delas, e em 78% dos casos o contágio provém de transmissão vertical (de mãe para filho) e o restante, de transfusão de sangue. Os recém-nascidos ali tratados podem sobreviver até aproximadamente seis anos, embora a maior parte não ultrapasse os três. A sobrevida dos hemofílicos costuma ser um pouco mais prolongada. As vítimas infantis, ao contrário dos adultos, contam com os benefícios da gamaglobina endovenosa, um preparado de anticorpos aplicado mensalmente que ajuda a combater as infecções. A partir dos 13 anos, porém, a medicação

não surte o mesmo efeito, porque a disfunção imunológica já se assemelha mais com a do adulto.

Do total de 75 crianças tratadas na unidade — cinco delas internadas — cerca de 20 frequentam creches, e algumas mães ocultam o fato do conhecimento dos responsáveis. Uma criança de quatro anos, conta a psicóloga Célia, já tem noção de que está doente e pode morrer. "São os pais que decidem se contam ou não para os filhos — a maioria esconde e nós respeitamos a decisão", diz ela. Mesmo assim, é difícil não revelar a um garoto hemofílico que está com Aids, por que ele tem conhecimento da doença através dos programas de televisão. Célia considera lamentável o episódio da creche de Campinas. "Mas não precisamos ir tão longe, para comprovar a discriminação", afirma. "O que aconteceu no ano passado, na Faculdade de Psicologia da USP — quando os próprios psicólogos pediram que os portadores fossem assistidos em outro prédio — é uma prova de que até quem deveria tratar deste problema, na verdade, sofre dele."